

## **Narrativas de vida de mulheres idosas: a intersecção entre gênero e fator geracional**

*Narratives of love and care in elderly women: the intersection between gender and generational factor*

*Narrativas de vida de mujeres mayores: la intersección entre género y factor generacional*

Juliane Nunes José  
Cristiana Magni  
Kátia Alexsandra dos Santos

**RESUMO:** A pesquisa teve como objetivo compreender a intersecção entre gênero e faixa etária por meio da análise de narrativas de mulheres idosas. As participantes foram integrantes da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), da Universidade Estadual do Centro Oeste. Os dados foram sistematizados por meio de anotações em diário de campo e foi realizada análise de conteúdo. Destacaram-se nos relatos de vida as categorias: amor, família, sofrimento e cuidado (dentre todas as levantadas: amor, família, sofrimento, trabalho e morte) como elementos importantes na intersecção de gênero e critério geracional em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Idoso; Narrativa; Memória; Mulheres.

**ABSTRACT:** *The research aimed at understanding the intersection between gender and age group through the analysis of elderly women's narratives. The participants were members of UATI - Universidade Aberta da Terceira Idade (University for the Elderly) from Universidade Estadual do Centro Oeste. The data were systematized through notes in a field diary and content analysis was performed. In the life story, the categories: love, family, suffering and care (among all that were raised: Love, Family, Suffering, Work and Death) stood out as important elements in the intersection of gender and generational criteria in our society.*

**Keywords:** *Elderly; Narrative; Memory; Women.*

**RESUMEN:** *La investigación tuvo como objetivo comprender la intersección entre género y grupo de edad por medio del análisis de narrativas de mujeres ancianas. Las participantes fueron integrantes de la UATI - Universidade Aberta da Terceira Idade (Universidad Abierta de la Tercera Edad) de la Universidade Estadual do Centro Oeste. Los datos fueron sistematizados por medio de anotaciones en diario de campo y fue realizado análisis de contenido. Se destacaron en los relatos de vida las categorías: amor, familia, sufrimiento y cuidado (de entre todas las levantadas: Amor, Familia, Sufrimiento, Trabajo y Muerte) como elementos importantes en la intersección de género y criterio generacional en nuestra sociedad.*

**Palabras clave:** *Anciano; Narrativa; Memoria; Mujeres.*

## **Introdução**

Na atualidade, a estrutura demográfica aponta para o envelhecimento galopante da população, o que demandará por serviços que vão além da manutenção da saúde, tendo em vista a fragilidade decorrente do decréscimo da fisiologia e da funcionalidade tão próprios da idade. As estimativas são de que o Brasil terá a sexta colocação entre os países do mundo com a maior porcentagem de população idosa. A previsão também diz que, em 2050, o país terá uma população de 64 milhões de pessoas idosas (acima dos 60 anos) o que corresponderia a 30% da população geral, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018).

O maior desafio na atenção à pessoa idosa é auxiliar para que, apesar das progressivas limitações decorrentes da idade, consiga gerenciar sua própria vida com a máxima qualidade possível. Essa possibilidade aumenta na medida em que a sociedade considere o contexto

familiar e social e reconheça as potencialidades e o valor das pessoas idosas, reconhecendo o/a velho/a como sujeito de direitos.

A compreensão de velhice que procura romper com os estigmas e contribuir para a qualidade de vida desses sujeitos, com estudos, pesquisas e ações, necessita se constituir nos diferentes aspectos ligados a essa população. Para isso, é fundamental que pesquisas no campo da gerontologia que abranjam aspectos corporais e fisiológicos presentes na velhice, já bastante desenvolvidas, sejam capazes de dar espaço a pesquisas em âmbito social, as quais, por sua vez, visualizem o idoso em seu contexto, sem que haja o descolamento em relação à sociedade e a seu tempo.

A velhice também pode ser constituída de outras faces. Ser idoso pode significar, finalmente, ter tempo para antigos planos, descanso de uma vida atarefada, bem-estar, contentamento e afeto. A trajetória de vida dos indivíduos tem suas singularidades, suas cores e seu desenvolvimento próprio, mas todas elas compartilham de significância. Nessa perspectiva, o campo da psicologia se torna essencial à rede multidisciplinar no auxílio e atendimento aos idosos, propiciando a escuta como uma disposição interna de acolher signos, ora claros, ora obscuros, em busca de algum registro que viabilize algum campo de troca. “A escuta é uma decifração que busca captar signos através do ouvido, mediante códigos que são incorporados na vida do ser humano, através da história, culturas e experiências vividas” (Freitas, & Oliveira, 2018, p. 644).

A função das reminiscências em sujeitos de idade mais avançada é a de “realizar uma articulação entre a dimensão do passado e as circunstâncias do presente, outorgando um sentido de comando da realidade e continuidade do ser” (Goldfarb, 1998, p. 82). A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado, sem esquecer que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação de tudo o que sabemos e que não nos pertence mais (Bosi, 2004).

Tendo isso em vista, este estudo teve como objetivo compreender a intersecção entre fator geracional e gênero por meio da escuta de narrativas de idosas vinculadas a um projeto universitário. O trabalho de Zanello, Silva e Henderson (2015), com entrevistas semiestruturadas, investigou a temática gênero, e sua influência nas relações entre idosos de uma instituição geriátrica. Os autores discorrem em seu estudo acerca das diversas maneiras com que tais marcadores influenciam a velhice, que não é vivenciada de forma homogênea, mas nitidamente circunscrita nas relações de gênero.

Em Cabral (2000), por sua vez, encontramos a ideia de que “O trabalho da reminiscência em sujeitos idosos parece exercer uma função de articulação temporal entre o passado e o presente” (Cabral, 2000, p. 1) mas, no caso específico de tal estudo, essa articulação é promovida através da escrita. O idoso escrevendo sobre si a fim de ressignificar sua história. Também Bosi (1987), em seu livro *Memória e Sociedade*, trata essencialmente da memória de velhos e sua articulação com a sociedade.

No que tange à temática desta pesquisa, a proposta de análise efetuada por Zanello, Silva e Henderson (2015) foi de extrema importância para a estruturação do estudo, visto que tais autores discutem as temáticas de gênero junto à velhice. Nesse sentido, cabe destacar um conceito que foi necessário para articular as temáticas deste texto: o de interseccionalidade.

Trata-se de um operador teórico metodológico oriundo do Feminismo Negro:

A interseccionalidade visa a dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado-produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2019, p. 19)

Apesar de ser cunhado como Feminismo Negro e, portanto, de colocar o elemento raça como fundamental, é preciso considerar que:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido nesse campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, *gays*, bissexuais e transsexuais (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras (Akotirene, 2019, p. 23)

Desse modo, o conceito permite considerar outros marcadores sociais como, por exemplo, o etarismo. Os processos de subjetivação são gendrados, o que de acordo com Saffioti, pode ser entendido como:

O vocábulo gendrado, oriundo de *gender* (palavra inglesa para gênero), tem sido utilizado por feministas, na falta de um adjetivo correspondente ao substantivo gênero.

Trata-se de um neologismo, incorporado do inglês (*gendered*) e ainda não dicionarizado em português. Pode-se falar em corpo gendrado para designar não o corpo sexuado, mas o corpo formatado segundo as normas do ser mulher ou do ser homem. (Saffioti, 2004, p. 77, nota de rodapé).

Então, esses processos de subjetivação são marcados pelo gênero, em uma sociedade cisheteropatriarcal, o que faz com que as mulheres sejam subjetivadas através da pressão estética, da pedagogia afetiva e dos dispositivos da maternidade e amoroso. Isso acaba vulnerabilizando ainda mais mulheres idosas, pois estas ocupam lugares cada vez piores no rol de vulnerabilidades, algo que Valeska Zanello (2018) tem chamado de “prateleira do amor”. Observamos esses processos também em Argimon *et al.* (2011) que se propõem a compreender a significação de mulheres idosas sobre a velhice:

Nos relatos das entrevistadas [...] atributos tais como, por exemplo, solidão, formas de se comportar e se vestir, declínio físico, cognitivo e estético, baixa libido sexual, incapacidade e desesperança permeiam a imagem que as entrevistadas possuem de si. Estas barreiras interferem nos seus cotidianos, circunscrevendo suas escolhas. Tais percepções de velhice funcionam como regras rígidas que restringem a idosa, desde a escolha da roupa que utilizará. (Argimon, *et al.*, 2011, p. 95).

## **Percurso Metodológico**

Este estudo caracterizou-se por meio de uma pesquisa descritiva, exploratória e de cunho qualitativo, tomando como instrumento, para a coleta de dados, entrevistas e narrativas. Dentre as formas de entrevista como instrumento privilegiado de comunicação nas pesquisas sociais, Minayo destaca aquelas que podem ser chamadas de “histórias de vida” ou “histórias biográficas” e que são utilizadas como fonte na produção de narrativas de vida (Minayo, 2016, p. 59). Nessa perspectiva, uma das principais estratégias é pedir aos atores que contem suas histórias em formato de narrativa. As narrativas propriamente ditas nunca serão uma verdade sobre os fatos vividos e, sim, uma versão possível daqueles que vivenciaram os fatos, a partir dos dados de sua biografia, de sua experiência, de seu conhecimento e de sua visão do futuro (Minayo, 2000).

Desse modo, participaram do estudo quatro idosas, do programa da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), existente desde o ano de 2000, na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Este programa tem como objetivo propiciar aos idosos um local de integração e interação uns com os outros e com a comunidade acadêmica como um todo, oferecendo execuções de atividades físicas, sociais e culturais.

Inicialmente, foi agendado, para cada uma das idosas, um horário específico para coletar relatos orais autobiográficos. Tais encontros tiveram início após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (Parecer n.º 2.907.631). Posteriormente, foram utilizadas seis questões norteadoras, sendo uma primeira disparadora sobre a relação da idosa com as próprias memórias, e as demais acerca da relevância das temáticas Amor, Família, Sofrimento, Trabalho e Morte em suas vidas, incentivando-a (da maneira mais acolhedora possível) a contar um pouco sobre a maneira de pensar e viver esses sentimentos, contextualizando também as histórias de sua vida. Observamos que a qualidade do vínculo dependia da qualidade da abordagem dialógica, uma vez que “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado” (Bosi, 2004, p. 54).

As entrevistas não foram gravadas. No diário de campo foram identificadas, anotadas e registradas as falas das participantes, que receberam nomes fictícios para preservar-lhes totalmente a identidade, do mesmo modo com que foi mantido em sigilo o caráter integral das narrativas, ficando as informações coletadas em posse das pesquisadoras.

A análise dos dados nas modalidades de história de vida por entrevistas foi feita durante toda a realização do trabalho de campo e como uma etapa específica subsequente a ele, procurando construir categorias a partir da fala das participantes, articulando à literatura existente sobre o tema.

### **Narrativas que interseccionam fator geracional e gênero**

Levando em conta que as participantes são mulheres, não é surpreendente que seus relatos estejam marcados por questões de gênero, principalmente no que diz respeito à supremacia masculina em suas vivências. As quatro mulheres idosas, cujas narrativas de amor e cuidado nortearam este estudo, têm cada uma as seguintes características:

1) Catarina, com 64 anos quando concedeu a entrevista, uma mulher branca e de classe média, dona de casa, com ensino médio completo e casada, mãe de três filhos; 2) Inara, descendente de indígenas, com 69 anos no momento da entrevista, com ensino superior completo, tendo trabalhado a vida inteira como professora, com dificuldade para locomoção, e diabetes, viúva e mãe de duas filhas; 3) Maria, 62 anos, branca, com ensino superior completo, tendo sido dona de um bar e também trabalhado como professora até se aposentar, divorciada e mãe de cinco filhos; 4) Ana, 72 anos, branca, divorciada e mãe de dois filhos, que trabalhou como empregada doméstica e cuidadora.

Os temas selecionados para esta investigação acerca da vida de mulheres idosas são relativos a aspectos fundamentais da vida humana em sociedade, que perpassam qualquer indivíduo. Logo, as entrevistas convergiram em torno de indagações sobre Família, Amor, Trabalho, Sofrimento e Morte e como tais temáticas operaram em suas vidas. A importância de tais tópicos para a presente pesquisa é devido ao público constituir-se integralmente por mulheres idosas. Historicamente, constituir-se mulher na sociedade não se descola de constituir-se mãe e constituir-se esposa.

Tendo em vista que as mulheres são, historicamente, perpassadas por um discurso que coloca as relações amorosas e familiares sob sua responsabilidade, é natural que estas sejam temáticas de extrema importância e relevância em suas vidas e, por muitas vezes, causem mal-estar:

Se o principal sofrimento trazido pelas mulheres diz respeito às suas relações e, sobretudo, à sua vida amorosa, faz-se fundamental entender que peso é este que o amor ocupa em suas vidas, como fato histórico, e como elas passaram a se validar enquanto mulheres por valores gerados baseados no casamento e na maternidade (Zanello, 2014, p. 113).

Foi considerado, nesta pesquisa, o quanto ao narrar sobre si, sobre o próprio sofrer individual, em um contexto social e histórico: “A experiência do sofrimento psíquico é construída socialmente e traz em si a conformação dos valores e normas de uma determinada sociedade e época histórica.” (Santos, 2009, p. 1178).

Ouvir as narrativas de vida de idosos, na tentativa de propiciar uma conexão com seu passado, permite ressaltar a importância de sua historicidade, promovendo uma melhora na autoestima, trabalhando a cognição e exercitando a memória. A pesquisa se inseriu no campo da psicologia, de modo que se reafirma o trabalho com a subjetividade do idoso, a partir de um viés qualitativo, o que permite afetar o outro.

Neste estudo, cada eixo temático constitui uma categoria de análise, tanto individual quanto relacionada ao meio social, uma vez que as narrativas se produzem singularmente por meio das trajetórias individuais, mas também dizem respeito à inserção das participantes na sociedade, o que é levado em conta nas análises. Desse modo, será apresentada a seguir a discussão de algumas temáticas levantadas durante a pesquisa, que apresentam a intersecção entre o fator geracional e gênero.

A temática “Família” subdivide-se em duas categorias nos relatos das participantes: memórias de sua infância e a convivência com o grupo doméstico em que cresceu, além da fase adulta com seus filhos e marido. De acordo com Bosi, as lembranças atreladas ao grupo doméstico enraízam-se:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (Bosi, 1987, p. 344).

A participante Catarina cresceu em uma família grande, com seus pais e oito irmãos. Ela descreve sua mãe como sendo uma mulher incapaz de brigar, uma pessoa muito tranquila, o que a faz sentir que foi criada com muito amor e dedicação. Seu pai morreu cedo, um dos fatos que gerou mais sofrimento em sua vida.

Inara, por sua vez, teve uma infância marcada por uma mudança abrupta. Ela residia em Minas Gerais com os pais, e sua avó materna foi muito presente em sua infância, com uma relação de muito afeto e aprendizado sobre benzimento. Sua avó a chamava de “indiazinha” por sua descendência e crescer “com essas coisas de índio” lhe deu uma mente aberta. Com a separação de seus pais, sua mãe, em suas palavras, “*resolveu que ia me “dar” para minha avó paterna*”, e então ela foi morar com seu pai e avó em Ponta Grossa, no Paraná. Sua avó paterna também exerceu grande influência em sua vida: ela a descreve como “sargentão”, e é ela quem estabelece o vínculo da participante com os livros e a educação, além da arte de acumular e colecionar coisas, segundo ela: “*Eu sou uma acumuladora*” diz, referindo-se principalmente a livros, louças etc.: “*Minha casa é um perfeito museu*”. Embora não tenha sido feita pergunta em relação à identificação de raça/cor, destaca-se na resposta a miscigenação cultural e os elementos da história, memória de família, como constitutivos dessa mulher.

A participante Maria relata: “*Meus pais eram muito bons, lutaram muito pra dar estudo pra todas nós*”. Conta que cresceu em uma época em que os costumes eram diferentes dos costumes de hoje: “*Minha época foi uma época maravilhosa, tinha mais romantismo*”, os namoros eram na sala com a vigilância constante dos pais, e com isso, vinham os limites: “*Família tradicional, daquelas que certas coisas não pode*”. A afirmação "os costumes eram diferentes dos de hoje" somada ao elemento "família tradicional" nos mostra a intersecção de um recorte geracional, de gênero e classe. O comportamento das mulheres sempre foi regrado de alguma forma, mas quando pensamos nas mulheres das famílias consideradas tradicionais no Brasil nos anos 50, por exemplo, exigia-se um comportamento de preparação para o casamento, de cerceamento à sexualidade e ao espaço público (Bassanezi, 2004).

Ana teve uma infância difícil quanto à questão financeira; a família passou por dificuldades que foram acentuadas pela doença de seu pai e os problemas que tinha com o alcoolismo. Apesar disso, relata: “*A gente passou por muita dificuldade, mas eu sinto saudade*” e “*tudo que eu vivi, eu amei viver*”. Sua infância também foi marcada pelo *bullying* que sofria dos colegas, que a apelidaram de “vesguinha”, devido a essa característica física de Ana. Falando de sua infância e família, ela se emociona, dizendo que seu pai faleceu com 47 anos e a mãe, com 87. Ela descreve sua mãe como uma mulher que não sabia ler nem escrever, mas de muita fé e caráter: “*Ela nunca via dificuldade em nada, via em Deus a solução*”. Criou assim, seus dez filhos.

A ligação com a família na velhice constitui-se como um fator de proteção. Apesar de pertencerem à mesma categoria, a velhice pode ser vivenciada de diversas formas, e o modo sobre como os arranjos familiares e a residência do idoso se constituem, isso é apontado como uma das principais diferenças dessa população. No estudo de Barroso e Tapadinhas (2006), foram os idosos institucionalizados que apresentaram mais sentimentos de solidão, o que leva à conclusão de que esses sentimentos variam significativamente em função do contexto habitacional do idoso. Como é o caso das participantes deste estudo, nenhuma delas é institucionalizada; portanto, parecem “suportar” melhor as condições de vida próprias do envelhecimento quando têm junto de si pessoas afetivamente significativas.

Em todos os relatos, a questão da maternidade é um tema de muita importância para as participantes. Muitas vezes expressam certa culpabilidade, imposta pela sociedade ao atribuírem o papel de mãe a todas as mulheres, naturalizando que estas seriam totalmente responsáveis pela criação de seus filhos, dando ao pai um papel de figurante. Segundo Lima e Teixeira (2008), as características biológicas femininas (como a capacidade de gerar filhos) são mostradas enquanto essência da feminilidade e justificam as construções sociais dos papéis de gênero, como aquelas que afirmam que todas as mulheres devem ser mães.

Catarina relata que é mãe de três filhos, todos com carreira profissional exitosa e deixa transparecer em sua fala o orgulho que sente deles. Em certo momento de sua narrativa, deixa transparecer a gratidão que sente por todos terem “*ido para um bom caminho*”, que para ela seria nunca terem envolvimento com drogas, por exemplo. Ela diz que como seu marido viajava muito a trabalho, ela seria inteiramente responsável pelo que acontecesse a seus filhos, assumindo para si a incumbência de toda a educação deles.

Maria relata que se viu sozinha no processo de educação de seus filhos após a separação. Ela comenta que espera que seus filhos reconheçam o sacrifício que teve de fazer por eles, em seu sustento e educação. No seu relato deixa transparecer traços de culpa, tão próprios às mães que são cobradas de diversas maneiras a desempenhar de maneira perfeita essa função e julgadas quando não chegam perto desse ideal. Ela relata: “*Eu me considero uma mãe muito preocupada com a família, mas eu não fui aquela mãe super amorosa porque eu tive que trabalhar muito*”.

A participante Ana também apresenta uma narrativa muito voltada à maternidade, até pelo fato de ter sido cuidadora das crianças filhas dos funcionários da propriedade de seu marido, sendo a maioria delas, enfermas. Além disso, cuidou de dois filhos, uma biológica e outro filho adotivo. Na época, era muito comum conseguir uma adoção espontânea, neste caso, de uma mãe biológica de apenas 15 anos, sem condições de criar a criança, a qual anunciou de rua em rua que tinha um bebê para ser doado. Não pensou duas vezes e pegou a criança. Até mesmo essa mulher, que teve a vida perpassada pelo papel de mãe, sentiu-se também culpada e, por vezes, pensou que falhava com sua filha, que sentia muito ciúmes das crianças que vinham morar com a família temporariamente. Ela relata que “*cuidava tanto dos outros, que às vezes até esquecia de mim*”.

Badinter (1985), autora do livro *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*, foi responsável por estremecer as estruturas tão solidificadas acerca do amor materno. A autora

defendia que o amor materno não é inato, muito menos instintivo. Ele é, como o próprio título sugere, conquistado:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo o sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada (Badinter, 1985, p. 22)

Apesar desses discursos de ruptura, na constituição dessas mulheres como sujeitos, o amor materno era/é bastante idealizado. Assim, ainda que suas narrativas demonstrem fissuras e sentimentos antagônicos inerentes à função materna, a culpa ou a exaltação de um suposto bom desempenho dessa função acabam aparecendo como produtos de um modelo de maternidade a ser alcançado. Desse modo, são comuns narrativas como a de Ana, que colocam o lugar de mãe como abnegação dos próprios desejos. Sobre isso, Zanello (2018) atribui esses comportamentos ao modo como as mulheres foram subjetivadas através de um “dispositivo materno”:

A partir do século XVIII, a maternagem foi associada, na cultura ocidental, às mulheres. O amor materno, supostamente “espontâneo”, “diferente de todos os outros”, o “maior de todos”, foi inflacionado produzido, e trouxe, como contrapartida, de um lado, o sofrimento de mulheres cuja relação com a maternidade não se traduzia nesses termos (ou à culpa, naquelas que sentiam não atingir esse ideal) (Zanello 2018, p. 144).

Quando focamos nas relações amorosas, as respostas de três (das quatro participantes) demonstraram que esse aspecto de suas vidas gerou-lhes grande sofrimento. As participantes Inara, Maria e Ana separaram-se de seus cônjuges devido ao alcoolismo ou a casos extraconjugais do parceiro. Além disso, Maria teve sua situação ainda mais agravada pela violência doméstica. Segundo Zanello (2018), as relações e a vida amorosa das mulheres, normalmente, é motivo de grande penar. A autora discute essa questão por meio do que chama de “dispositivo amoroso” (Swain, 2012):

Dizer que o dispositivo amoroso se apresenta como caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. Diz acerca de certa forma de amar que a elas é interpelada. Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens (Zanello, 2018, p. 84).

Essa subjetivação acontece principalmente por algumas tecnologias de gênero como revistas, filmes, músicas, novelas etc. Essas tecnologias interpelam o amor romântico pelas relações de poder, colonizando afetos: “O amor as atualiza na expressão identitária de “mulheres”: é sua razão de ser e viver. Elas estão dispostas ao sacrifício e ao esquecimento de si por “amor” (Swain, 2012, p. 11). No decorrer das narrativas, vemos como os relatos dessas quatro mulheres condizem com essas teorias.

A participante Inara relata que foi casada por 27 anos, mas perdeu seu marido para o álcool, o que causou uma situação muito difícil em sua vida, pois aos poucos, ele acabou se afastando da família, ao passo que se aproximava mais da bebida. Para fugir dos problemas do casamento, ela relata que encontrou na comida uma válvula de escape, o que pensava neste período era: “*Vou compensar os problemas comendo*”, o que resultou em uma afetação pela diabetes. Após a morte do marido, ponderou sobre sua condição de vida, e concluiu que não podia ter garantia de como seria um próximo marido; então, escolheu não ter mais nenhum vínculo amoroso, mencionando temer pelas suas filhas: “*Botar um estranho tendo duas mocinhas em casa?*”. Encerrando esse assunto, conta: “*A gente não foi feliz. Não tinha condições. Ele podia gostar de mim e dos filhos, mas ele tinha esse lado boêmio, né?*”.

Santos aponta que “aquilo que parece ser algo extremamente individual, ou seja, a vivência de um conjunto de mal-estares no âmbito subjetivo e, também, a vivência de cada um como mulher ou como homem, expressam regularidades que são moldadas por uma dada configuração social” (2009, p. 1178).

Nascimento (2016), ao apresentar a trajetória de vários estudos que circulam pelos temas de gênero, masculinidades e o consumo de bebidas alcoólicas, aponta para o fato de que a masculinidade é construída e o que parece ser extremamente individual (um homem alcoólatra) também pode ser entendido como fruto de uma configuração social, já que devem

ser considerados os significados socialmente compartilhados sobre o ato social de beber. Do mesmo modo, a responsabilização exclusiva da mulher pela manutenção do casamento, mesmo em condições muito difíceis, sem nenhuma felicidade, e também o comprometimento pelo cuidado exclusivo dos filhos, são fatores que não se distribuem individualmente, mas se configuram como elementos de ordem social e cultural que afetam muitas mulheres.

Maria permaneceu 17 anos casada com seu companheiro e, logo no início da entrevista, desabafa: “*Só que desses 17 anos, que eu fui tranquila foi só uns 5*”. Seu marido era refém de dois vícios: o álcool e o jogo, o que o fazia desperdiçar muito dinheiro. Mesmo após o marido ter saído de casa, sofreu violência psicológica, recebendo ameaças, como: “*Amanhã eu quero matar você*”, “*Passar o carro por cima de você*”.

Nesse caso, os elementos ligados ao gênero não apenas produzem uma relação infeliz, como no primeiro exemplo, mas uma relação marcada pela violência. A violência doméstica é compreendida dentro do que se chama de violência contra as mulheres, mas sua especificidade consiste na relação da vítima com o agressor em âmbito privado, ou relação íntima. Desse modo, a violência doméstica é entendida como:

Qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause à mulher morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família ou em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (Brasil, 2006, Lei n.º 11.340/2006).

Santos e Izumino (2005) citam Saffioti (1987), esta uma autora que discute a violência de gênero, quando rejeita a ideia de que as mulheres sejam “cúmplices” da violência. Por outro lado, embora as concebendo como “vítimas”, a autora as define como “sujeitos” dentro de uma relação desigual de poder com os homens. As mulheres se submetem à violência não porque “consintam”: elas são forçadas a “ceder” porque não têm poder suficiente para não consentir. Sem falar que existem diversas formas de violência, dentre elas, a violência psicológica e moral que mantêm as mulheres presas a parceiros violentos: “A célula elementar dos atos violentos são as relações de gênero, e a violência moral onipresente, considerada normal, é o cimento que mantém o sistema hierárquico e de poder” (Bandeira, 2019, p. 303).

Ana casou-se aos 23 anos e seu casamento somente acabou quando seu marido decidiu sair de casa, já depois dos 60 anos. Conta que *“ele se envolvia fácil com outros relacionamentos”*; porém, afirma que isso não a incomodava a ponto de querer se separar, e que essa decisão partiu dele, pois, para ela, *“tirando isso, era perfeito”*.

A participante diz que se dependesse só de sua vontade, ela teria continuado o casamento pois, apesar dos casos extraconjugais, *“foi uma vida maravilhosa, [...] e se não fosse por decisão dele a gente vivia assim até hoje”*.

Nessa fala colocam-se elementos que interseccionam relações de gênero e concernentes ao fator etário. Em relação ao primeiro fator, podemos elencar a lógica familista que perpassa a formação das mulheres, cabendo sempre à mulher *“reatar a relação afetivo-conjugal, rejeitar o pedido de separação (...)”* (Bandeira, 2019, p. 302). Somando-se a esse fator, é preciso considerar ainda o fator etário. Zanello, Silva e Henderson (2015) apontam em sua pesquisa como as especificidades na fala de idosos e idosas de uma instituição geriátrica varia de acordo com valores gendrados (ou seja, marcados pelas especificidades de gênero). Segundo a autora, *“A fidelidade e a exclusividade nas relações amorosas não apareceram na fala dos homens. Ao contrário, foi possível perceber poucas falas que se remetiam a um grande amor. Por outro lado, para eles, o tema em questão fez surgir queixas relacionadas à ausência de sexo”* (Zanello, Silva & Henderson, 2015, p. 546). Essa diferença aponta para um grande investimento e importância em relações fiéis e monogâmicas na vida das mulheres. Para elas, a sexualidade tem como pré-requisito o amor. Ao contrário, para os homens, as relações amorosas não aparecem de forma espontânea em suas falas. Desse modo, a fala de Ana, ao dizer que não se importava com as relações extraconjugais, só é possível de ser compreendida quando interseccionamos os fatores de gênero e etário. Afinal, apesar de constituir-se como mulher e estar associada de modo geral à monogamia e aos sentidos do amor, o fato de ter sido constituída em um determinado período histórico em que a traição era comum entre os homens e aceita pelas mulheres (décadas de 40, 50) e ainda o fato de a separação ocorrer quando ambos já estavam idosos, faz com que tenha outra visão acerca da monogamia, valorizando mais o fato de ter um companheiro, ainda que precisasse dividi-lo com outras mulheres.

Em contrapartida, a história da participante Catarina traz um outro tipo de relato acerca das vivências relativas ao amor: *“eu sempre pude fazer tudo que eu queria, ir em tudo que é lugar... ele não reclama de nada, nunca me proibiu de ir em parte nenhuma”*.

Ela aparentemente não foi assolada pela violência doméstica partida de seus companheiros, pelos abusos emocionais frutos de uma sociedade patriarcal, que escancara a diferença sexual em seus valores e práticas (Swain, 2014), constituindo-se, portanto, como uma exceção entre as mulheres protagonistas deste estudo.

Como já foi mencionado, é compreensível que, nas narrativas que compõem este e (também) muitos outros estudos que se debruçaram nas vivências de mulheres, as parceiras amorosas sejam pontuadas afetuosamente como prioridade em suas vidas, ora no sentido de lamentações ora na direção de exaltações. E, a partir destes afetos, elas reproduzem características e se identificam como: doces, devotadas, amáveis e, sobretudo, amantes. É, portanto, por isso que a célebre frase feminista ganha aqui seu reconhecimento no cotidiano dessas e tantas outras mulheres: “o privado é político”.

Outro tópico abordado nas entrevistas e que constituiu a narrativa das participantes foi a questão do trabalho. Quando pensamos nessa categoria aplicada a mulheres idosas, faz-se necessário considerar sempre a dupla jornada de trabalho. Mulheres carregaram e ainda carregam a função de trabalhar fora e cuidar dos afazeres domésticos. Sobre a divisão sexual do trabalho, Kergoat (2003) aponta que esta forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio de hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher). Eles são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço, e têm por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares e outras).

Swain (2014) discorre sobre essa separação dos papéis de trabalho entre homens e mulheres apontando uma injusta divisão de trabalho que resulta em triplas ou quádruplas jornadas de trabalho para as mulheres. Entretanto, sua raiz, aquela que mantém as mulheres atreladas à domesticidade, é a mesma, e sempre a diferença sexual. Em decorrência dos papéis de gênero solidificados em nossa sociedade, recai sobre as mulheres a obrigação sobre o cuidado: cuidado com a casa, com os enfermos, crianças e idosos. Os valores gendrados sobre o gênero feminino explicitam uma “obrigação ao cuidar”. “O assujeitamento pelo dispositivo amoroso é aquela arma mais insidiosa, já que atua silenciosamente, que coloca, em nome do amor, todas as responsabilidades da manutenção da família, dos doentes e dos idosos sobre os ombros das mulheres” (Swain, 2014, p. 40).

Nas narrativas das mulheres entrevistadas, três delas passaram por pelo menos uma fase como cuidadora, mas em diferentes aspectos: Catarina cuidou de sua sogra quando ela adoeceu, e ainda, teve papel de cuidadora do seu cunhado, que morou com sua família por muitos anos devido a uma deficiência cognitiva.

Ela relatou que sempre foi homenageada por ele nas apresentações de dia das mães na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). A participante Maria teve um papel de cuidadora de sua mãe, que adoeceu e ficou de cama por sete anos. Já a participante Ana vivenciou uma outra faceta do papel de cuidadora: ela assumiu as obrigações do cuidado com as crianças doentes, filhas dos funcionários de seu marido. Visto que eles moravam no interior, sem acesso a tratamentos médicos, toda vez que uma criança adoecia e precisava de acompanhamentos médicos, ela a trazia para morar com sua família, matriculava-a em uma escola, e acompanhava seu tratamento.

Segundo Brown (2010), as mulheres estão a cargo da casa, da cozinha, da lavagem de roupa, do cuidado com as crianças pequenas, enquanto os homens trabalham em atividades fora de casa - antes na lavoura e em especial na pesca, um domínio masculino; hoje, no trabalho assalariado. Esta divisão do trabalho dita que sobre as mulheres recai a expectativa de serem cuidadoras principais dos idosos doentes: esposas para seus maridos, que normalmente morrem antes delas, e filhas, para seus pais.

Algumas delas tiveram outra profissão além de serem das atribuições domésticas: Catarina começou a trabalhar com 17 anos em uma livraria e, posteriormente, em uma empresa telefônica, onde permaneceu por oito anos. Já casada, ela se encarrega dos afazeres domésticos, mas por um curto período ainda vende alguns artesanatos e bordados e ajudou a administrar um restaurante de sua família. Inara trabalhou a vida inteira como professora, assim como Maria, que, além de ser professora, era dona de um bar. Ana trabalhou como empregada doméstica para uma família desde os 12 anos, permaneceu trabalhando e morando nessa casa até os 23, quando casou.

Por fim, uma última categoria marca mais fortemente a questão relacionada à intersecção de gênero e idade: o sofrimento. Sobre essa temática, os relatos das participantes mostraram particularidades de suas vidas pessoais, porém houve certa regularidade nos temas relacionados às tristezas, como o luto, amor, trabalho e família. A participante Catarina associa a palavra sofrimento à morte de seu pai, tendo ocorrido na véspera de Natal devido a um acidente na fábrica. Desde então, esta data passou a ser de difícil celebração para sua família.

A perda de uma colega da UATI e também de seus irmãos, mãe e sogra, sinaliza como grande causa de pesar. Sua trajetória é acompanhada de diversos processos de luto.

Segundo Giacomini, Santos e Firmo (2013), no campo de fala dos idosos, notam-se muitos lutos e perdas: do ser amado, da família, do ideal de si mesmo, da perda da atividade laboral; ter de abandonar atividades prazerosas; aposentar-se; sentir-se preso em casa por falta de acessibilidade ou por causa da violência urbana, do sentido da vida, do futuro, sem vislumbrar um objeto-auxílio em que investir.

Inara relata muita angústia em sua relação amorosa com o marido, e todos os percalços enfrentados em função do alcoolismo. Ela também levanta uma questão importante ao grupo das participantes: o preconceito e exclusão que a população idosa sofre, quando expõe: *“as pessoas tendem a isolar o idoso”*. Ilustra seu pensamento, quando conta de um episódio que ocorreu quando frequentava uma igreja evangélica. Lá havia muitas atividades e os grupos eram compostos só por idosas, não por uma predeterminação da igreja, mas porque o público mais jovem não queria interagir com os idosos: *“As mais jovens não vão se reunir com os idosos”* e, também, *“a gente é afastado assim, é velho”*. Mas de uma maneira resiliente, sobre as adversidades que perpassaram sua vida, expressa: *“Procuro jogar o jogo do contente”*, remetendo-se à estratégia utilizada pela personagem do livro infanto-juvenil Polyana (Porter, 2016).

A participante Maria relata grande desolação no que tange à temática amorosa e laboral de sua vida. Devido à separação, ela precisou trabalhar em excesso para garantir o sustento de sua família, e ainda, intercalando-o com cursos que precisava fazer para aperfeiçoar a profissão da docência. Apesar dessas inúmeras jornadas de trabalho, quando questionada sobre os sofrimentos em sua história de vida, demonstra ter uma visão muito otimista sobre o assunto: *“Eu nunca deixei a peteca cair”* e *“Tudo aquilo que eu passei eu superei. Graças a Deus. Eu sou muito católica”*. O sentido de que a religião aparece como enfrentamento a situações infelizes aparece em Gutz e Camargo (2013): *“A fé e as orações foram referidas como meio de acessar uma aproximação com o sagrado em prol de proteção e apoio diante de situações adversas. As ideias de céu, inferno, ressurreição e reencarnação orientaram e justificaram as práticas dos idosos”* (Gutz, & Camargo, 2013, p. 803).

Para a participante Ana, o que mais lhe causou dor foi a separação de seu marido e a doença de sua filha. Vivenciar seu marido sair de casa foi, essencialmente, a situação mais difícil que já passou, pois eles estavam juntos há muito tempo e possuíam uma relação de muito companheirismo. Sua filha, por sua vez, foi diagnosticada ainda na infância com psoríase.

Apesar de terem procurado inúmeras formas de tratamento, nenhuma delas foi integralmente efetiva e sua filha convive com os sintomas da doença. Segundo ela, ver que sua filha está triste dói mais que quando ela mesma está passando por dificuldades. Ela relata que só queria que sua filha percebesse: *“O quanto é linda e maravilhosa”*.

Juntamente com os relatos das tristezas na vida dessas mulheres, foi possível resgatar de qual lugar elas falavam, observando a regularidade dos acontecimentos que as acometeram, entendendo que, apesar de singulares, não são simplesmente aleatórios devido à sua condição de mulher, parte da classe trabalhadora, responsáveis quase que inteiramente por suas famílias e velhos. Andrade (2014), em sua pesquisa acerca dos tensionamentos e subversões da/na política pública de saúde mental, expressa que o sofrimento é entendido aqui não apenas como uma categoria nosográfica; tampouco se resume a um evento biológico ou a um conjunto de sintomas, mas sim como uma experiência subjetiva atravessada pelos modelos e significados do processo de adoecimento e cura, atribuídos por cada sujeito, e permeado pelas características socioculturais dos contextos em que se desenvolvem.

Quanto ao sofrimento amoroso, já vimos em Swain (2014), que grande influência desse aspecto na vida das mulheres, é a maneira com que estas foram subjetivadas em relação ao amor. As mulheres se autovalorizam e são valorizadas a partir do lugar que ocupam no âmbito das relações amorosas (o casamento que possuem/ terem sido “a escolhida” para alguém), se constituindo e se qualificando narcisicamente a partir do “amor” (Zanello, 2018). E como a temática amorosa apresenta-se dessa forma na vida das mulheres, Zanello, Silva e Henderson (2015) afirmam que não é de se estranhar que também apareça como uma das principais queixas na velhice, sobretudo em função do grande investimento e/ou decepção, ou da morte daquele no qual o amor foi investido.

Além dessas diferenças relacionadas ao que produz diferenças no sofrer de homens e mulheres, é preciso levar em conta, uma vez que nos propomos a uma análise interseccional, o estigma que o velho recebe. A participante Inara relata que sofreu exclusão pela condição de idosa. Temática apontada em Muniz e Barros (2014), o estigma atribuído aos trabalhadores velhos é decorrente do fato de que o capital determina a improdutividade do trabalhador ao chegar à velhice, acreditando que ele não pode vender sua força de trabalho como quando era jovem. O trabalhador velho vive sob uma constante pressão social, o que por muitas vezes lhe impõe um distanciamento dos processos de vivência coletiva.

Essa exclusão tem consequências subjetivas na população idosa: “Estando os velhos estigmatizados, censurados e vítimas de preconceito, eles acabam por aceitar a ideologia imposta pela sociedade, de ser uma pessoa incapaz e improdutivo, levando ao isolamento ou mesmo aos transtornos ligados à depressão” (Muniz, & Barros, 2014, p. 111).

Finalmente, temos o relato da participante Ana, a qual aponta o sofrimento da filha como sendo seu. É perceptível o desespero sentido por ela, ao se deparar com uma condição que acomete sua filha, sobre a qual ela não possui nenhum controle. É possível vislumbrar um sentimento de culpa decorrente da constituição da mulher como mãe. Nesse sentido, Zanella, Fiuza e Costa (2015) apontam que o dispositivo da maternidade apareceu em todas as entrevistas com mulheres, sobretudo no tocante aos aspectos negativos do exercício da função materna, revelando que o sentido da maternagem para essas mulheres trata-se da vivência de uma abnegação completa de si e que, quando não é atingido – e não é, já que esse sentido é ideal – traz culpa por não ter cumprido o papel de “verdadeira mãe”.

Com os fragmentos das narrativas apresentadas procuramos mostrar alguns elementos inerentes à vivência de mulheres idosas. Vimos que os temas apresentados estão relacionados a processos de subjetivação como mulheres e como idosas, de modo que, apesar de singulares, essas características estão ligadas a condições sociais e culturais referentes a ser mulher e ser idosa em nossa sociedade.

### **Considerações finais**

As narrativas das mulheres idosas, sujeitos deste estudo, apontaram para atravessamentos entre gênero e fator etário. O amor na vida destas mulheres esteve entrelaçado por vivências de sofrimento. O trabalho, seja ele informal ou formal, fez parte das suas trajetórias desde muito cedo, simultaneamente às funções de cuidado, compreendida como prioritariamente feminina. A família trouxe uma questão de pertencimento a estas mulheres, o que lhes permite “suportar” melhor as condições de vida próprias do envelhecimento quando têm junto de si pessoas afetivamente significativas. Ainda assim, o sentimento de solidão é flagrante quando se trata de mulheres idosas. Para as quatro mulheres entrevistadas, a maternidade teve uma importância ímpar em suas vidas e revelou vivências ambíguas, sobre o amor, mas também culpa e abnegação completa de si. O sofrer esteve atrelado ao luto, ao amor, ao trabalho e à família, sendo possível concluir que, apesar de histórias singulares, elas se relacionam com suas condições de mulheres, e mais especificamente: mulheres velhas.

Por fim, cabe destacar que a intersecção entre gênero e fator etário é uma discussão relativamente nova. Neste trabalho foi possível observar esse cruzamento, destacando componentes próprios à categoria de gênero que se acentuam na velhice, como a solidão, a situação amorosa, o cuidado, a desvalorização social. Contudo, tendo em vista as características do estudo (qualitativo), a modalidade de coleta de dados escolhida (entrevistas narrativas) e as participantes (mulheres com relativa estabilidade financeira), não foi possível, por exemplo, pensar em outros marcadores que se interseccionam com a velhice, como o marcador social. Ele provavelmente revelaria outros elementos importantes como as dificuldades e/ou potencialidades financeiras, o acesso ao trabalho, saúde etc.

De todo o modo, o estudo permitiu trazer algumas questões significativas e colocar em debate a relação e os pontos de encontro entre as temáticas relacionadas ao marcador de gênero e geracional, indicando alguns caminhos e pontos necessários de serem levados em consideração quando são pensadas intervenções que visem à melhoria da qualidade de vida dessa população.

## Referências

- Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Rio de Janeiro: Editora Letramento.
- Andrade, A. P. M. D. (2014). “Louca, eu?”: tensionamentos e subversões da/na política pública de saúde mental. In: Stevens, C., Oliveira, S. R. D., & Zanello, V. (2014). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres.
- Argimon, I. I. D. L., Pizzinato, A., Ecker, D. D. I., Lindern, D., & Torres, S. (2011). Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(4), pp. 79-99. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10052>.
- Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bandeira, L. M. (2019). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: Holanda, H. B. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, pp. 293-313.
- Barros, A., & Muniz, T. D. S. (2014). O Trabalhador Idoso no Mercado de Trabalho do Capitalismo Contemporâneo. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS*, 2(1), 103-116. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/1079>.

Barroso, V. L., & Tapadinhas, A. R. (2020). Órfãos Geriatras: Sentimentos de solidão e depressividade face ao Envelhecimento – Estudo Comparativo entre Idosos Institucionalizados e não institucionalizados. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: [http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo\\_licenciatura.php?codigo=tl0091](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=tl0091).

Bassanezi, C. (2004). Mulheres nos Anos Dourados. In: Priore, M. D. *História das Mulheres no Brasil*. (7ª ed.). São Paulo: Contexto, pp. 607–639.

Bosi, E. (1987). *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: T.A Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo.

Bosi, E. (2004). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Brown, D. (2010). A Obrigação do Cuidar: Mulheres Idosas em uma Comunidade em Florianópolis. In: Maluf, S., & Tornquist, C. (2010). *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas.

Cabral, P. K. G. F. (2000). História de vida: Experiência em elaborar relato escrito junto a um idoso. *Revista da APG*, 22, 157-164. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: [http://www.oficinamemoriaviva.com.br/uploads/images/2000Historia\\_de%20\\_Vida\\_Cabral.pdf](http://www.oficinamemoriaviva.com.br/uploads/images/2000Historia_de%20_Vida_Cabral.pdf).

Freitas, M. C. D., & Oliveira, M. F. D. (2006). Assistência de enfermagem a idosos que realizam cateterismo cardíaco: uma proposta a partir do modelo de adaptação de Calista Roy. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(5), 642-646. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000500009>

Giacomin, K. C. S. Wagner J. D., & Firmo, J. O. A. (2013). O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2487-2496. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Tkk73ySDsshR5GHVNgDWMFv/?lang=pt&format=pdf>;

Goldfarb, D. (1998). *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gutz, L., & Camargo, B. V. (2013). Espiritualidade entre idosos mais velhos: um estudo de representações sociais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(4), 793-804. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/HZLsJHWRjWdLrhPgmsC6fMd/abstract/?lang=pt>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 18 dezembro. 2020, de: <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20idosa%20tende%20a,do%20IBG>.

Kergoat, D. (2003). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Emílio, M., Teixeira, M., Nobre, M., & Godinho, T. (2003). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher.

*Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.* Brasília, DF. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm).

Lima, R. D. S. S., & Teixeira, I. S. (2008). Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 6(12), 113-126. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/442>.

Minayo, M. C. D. S. (2018). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec.

Minayo, M. C. D. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Nascimento, P. (2016). Beber como homem: Dilemas e armadilhas em etnografias sobre gênero e masculinidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(90), 57-70. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/3RqW3pb3prHPkMGPwKB3BQH/abstract/?lang=pt>.

Porter, E. H. (2016). *Pollyanna*. Vol I. Trad.: Marcia Soares Guimarães. São Paulo: Autêntica.

Saffioti, H. I. B. (1987). *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna.

Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Santos, A. M. C. C. D. (2009). Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1177-1182. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400023>.

Santos, C. M., & Izumino, W. P. (2005). Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinários de America Latina y El Caribe*, 16(1), 147-164. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1408/viol%C3%A0ncia\\_contra\\_as\\_mulheres.pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1408/viol%C3%A0ncia_contra_as_mulheres.pdf).

Swain, T. N. (2012). *A construção das mulheres ou a renovação do patriarcado*. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/renovacao%20patriarcado.htm>.

Swain, T. N. (2014). Por falar em liberdade. In: Stevens, C., Oliveira, S. R. D., & Zanello, V. (2014). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres.

Zanello, V. (2014). Saúde mental, mulheres e conjugalidade. In: Stevens, C., Oliveira, S. R. D., & Zanello, V. *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres.

Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>.

Zanello, V., Silva, L. C., & Henderson, G. (2015). Saúde Mental, Gênero e Velhice na Instituição Geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(4), 543-550. Recuperado em 18 dezembro, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015042444543550>.

Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba. PR: Appris.

---

**Juliane Nunes José** - Graduada de Psicologia na UNICENTRO/PR.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5795-3628>

E-mail: [julianenj@gmail.com](mailto:julianenj@gmail.com)

**Cristiana Magni** - Doutora em Genética (UFPR). Docente adjunta do curso de Fonoaudiologia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário-PPGDC (UNICENTRO/PR).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5412-8411>

E-mail: [crismagni@unicentro.br](mailto:crismagni@unicentro.br)

**Kátia Alexsandra dos Santos** - Doutora em Psicologia (USP/FFCLRP). Docente adjunta do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário - PPGDC (UNICENTRO/PR). Coordenadora do Núcleo Maria da Penha-NUMAPE (SETI-UGF). Coordenadora da pesquisa: Violência contra a mulher em Irati-PR: mapeamento da incidência e da rede de enfrentamento (CNPq).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4706-6624>

E-mail: [kalexandra@unicentro.br](mailto:kalexandra@unicentro.br)